

*A
LUZ
DE
LUZIA*



*Carlos
Rodrigues
Brandão*

A Luz de Luzia

De luz luzia Luzia
e clareava o claro
do luzir do dia.
E se dizia Luiza
que luzia:
de onde vem
esta clara luz
tão branca e fria?
É a luz do dia
que me aclara agora
ou é luz de mim
que acende a aurora?

Vagava o vagalume

Vagava o vagalume
e vagamente
o claro da noite
clareava.
E do alto
a lua que chegava
e branqueava
a noite,
de repente,
do alto olhava
o lume da luz
do vagalume:
a luz que era dele
e era sua
e clareava
toda a terra
e toda a lua.

O que houve? O que há?

O que havia
na floresta,
e o que resta
e o que há,
quando acaba
de cantar
um sabiá?

Devagar

A tartaruga
se vai
de-va-ga-ri-nho
como se fosse ela
o seu ca-mi-nho.

Chuva de ouro

Amarrei amarelinha
uma florada amarela.
Botei num vaso de barro
e pendurei na janela.
Veio a chuva miudinha
choveu toda a madrugada
e molhou meu ramallete
Choveu chuva noite e meia
e com o vento que veio
(um vento de longe e frio)
choveu ouro na calçada
e em quem passava nela.
Choveu ouro a noite inteira,
e cobriu-se o mundo de flores
Mas quem veio? Mas quem viu?

A rara ave

Rara arara
Arara rara
Vem de longe
E o voo para
E assenta a asa
Na galhada
Da amoreira
Lá na beira
Da poeira
De uma estrada

Arara rara
Rara arara
Sua asa, arara
(coisa rara)
Faz uma sombra
Amarela, cor de fada
Na aguada
Do rio manso
Onde nada
Sozinha.
A piapara.

Uma menina

Era bela
ou era ela
o que e quem?
Aquela menina
Magrinha
Vestida de saia
Amarela
Com uma flor
Na lapela
Olhando você
Da janela
E dizendo:
Sou Isabela.

ele

Tudo é nunca! Ele gritou
com a alta voz que aqui ninguém ouviu
e uma imagem de ocre que se via e não havia.
Como um espelho em que se olha
E vê o espelho sem o rosto
de quem nele se olhava e não se via.
E eu que escutei e não ouvia
perguntei a não sei quem:
o que ele disse? Ele disse?
E então ele me falou
(ou eu pensei que ele me disse):
não disse nada, eu nada disse
e se tudo é nunca e nunca é nada
quem você pensa que disse o que não disse,
não disse nada. Não disse e não existe!

Quem?

Quem é hoje?
perguntou um tempo... antes.
Nada é agora! Ele falou
Ninguém é sempre!
O mundo é pouco
e o já não há!
Gritou o tempo e disse ainda:
E se houve um já é sempre antes
o que apenas parece ser agora!
E só se sonha o que já foi
e o amanhã, que não existe,
é só a nuvem da sombra
do dia de ante-ontem!

**Quem?
(de novo)**

Mas antes de ser hora
o depois veio de longe
e como que ainda nem chegou
ele parou e disse assim:
nada foi e nem é!
(escutem isto)

O agora e o ontem são só sonho.
Você acorda e o que há do que havia
enquanto um sonho em você adormecia
e sonhava que você acontecia.
Existe é o que não há e vai ser quando
chegar enfim o tempo em que eu sou:
um sempre adiante!

Existe o que se espera... como a festa
e o resto é fumaça de miragem:
como o espelho sem o rosto de quem olha
a imagem do corpo de que veio
e a espera de quem vem e ainda não é,
e olha adiante e acha que existiu
e olha adiante para, então,
achar que foi!

Já

Tudo é agora!
Bradou (agora) um já.
E mesmo o que eu disse já não há!
Pois dito, já se foi e foi-se embora
pra algum lugar longe
onde é só cinza o que um dia
foi madeira... agora.
Nem há o que vem, o logo, o amanhã,
a ilusão do que virá e não demora.
Mas se ainda não veio, não existe
e quem disse isto, existe acaso
e nem existe quem dirá o que não disse.
Pois há somente o instante do segundo
entre o que foi, e era e se acabou,
(e já era a hora)
e o que será e não é, e nunca é
pois quando chega... já é agora
e quando passa o agora, já não era
Ele disse, sabendo que nem ele existe.

vindo, de onde?

Lá de onde um dia eu vim
já não era então lugar algum.

Se era, como é que fora
um não-lugar sem começo
e sem meio e nem sem fim.
De onde eu vim não há nada
e nem o nada há lá, enfim.

Mas até lá eu fui, e indo
eu vim do que não existe?

E já que eu cheguei aqui
(mas será que o aqui existe?)
eu paro e pergunto assim:
de onde eu venho se eu não fui?
E quem sou eu que vim de lá
e cheguei sem saber de onde
e sem lembrar nada de mim?

Caminho?

Eu caminhava um caminho
que ia ao lado de um rio,
E quando foi de repente
virei uma curva, duas...
e vi que o caminho sumiu
porque o rio que havia ao lado
todo o caminho engoliu.

Parei e olhei quatro vezes
e quando vi o que via
vi que o rio se terminava,
vi que o rio se consumiu.

E em cima do leito seco
ao lado de onde eu andei
havia um eu que pensava:
havia mesmo um caminho?
havia ao seu lado um rio?
Ou será que nada havia?
O rio que era, era um sonho,
o caminho nunca houve
e nem quem andava existiu?

alguns hai-kais

Da praia olhava o mar.
O que há, pensava,
do lado de lá?

Do outro lado alguém pergunta:
existe o quê
além do mar?

O Bem-Te-Vi
expulsa a pios como trovões
o gavião

Espanto!
o canto do urutau
e o seu encanto.

Pula no lago a perereca
e a água acolhe
o seu gesto sapeca

Lá vem o vento
de-va-ga-ri-nho
abrindo no ar
o seu caminho.

No meio da noite escura
pia sozinha de triste
a saracura.

Chora ou gargalha
a seriema
que canta esta manhã?

Longe de onde veio
o casal de quero-quero
piava o seu desterro.

Pula a piaba
fora da água
o rio não é mais o mesmo.

Pia tarde o urutau
o seu canto da noite
quando o dia amanhece.

Urra a onça no mato
e o silêncio da mata
ouve o eco do urro.

um passarinho voa
ou é o vento
quem viaja nele?

Uma formiga caminha.
Como é longo o caminho
dentro de uma folha!

Um cacto na caatinga.
Quando é mais cedo
ele floresce.

Do outro lado do rio
longe, na nuvem cinza
chovia.

O que faz aqui
tão distante no sul
no ardor do verão
uma gralha-azul?

alguns poemas pequenos

Gralha a gralha
do alto do galho
contente da vida,
vaidosa de si.
Enquanto no chão
sozinha a seriema
escuta e olha
e serena se ri.

Venta e chove forte agora
longe e aqui
o trovão troveja
e o raio incendeia
o céu da tarde.
Dentro de casa
nada teme o João-de-Barro.

Sobre o já e o nunca

Sempre há,
quando o que houve
e o que houver
o que havia e o que haverá
é agora um... já!

Havia antes?
Havia já?
o que houve um dia
e agora há?

O que havia
no que antes de haver
já existia?

De vez em quando
o que acontece
e vai haver
já aconteceu
antes de ser.

Me canso de pensar
(sem porque nem pra que)
se o que eu pensei agora
eu pensei antes, já?
(sem saber o quê)
Se um dia já havia
em mim o que hoje há?
E quando não houver
o que existe agora
o que é que haverá?
(mas importa saber?)

O tempo, o nada

Agora foi o tempo
que inda agora
era um antes
de um antes
que houve antes
De um agora.

Assim como é agora
mm depois... antes
de ser o depois
do que era agora.

no raso do rio

Sozinha de só
na curva do rio
nadava sozinha
chorando de frio
a piabinha.

o urutau

No alto da árvore
no oco de um pau
canta a noite inteira
quem se calava todo o dia.
E a noite inteira silencia
e no silêncio que a noite cria
tudo escuta o canto do Urutau.

o grande, o pequeno

Grande como
o mundo inteiro,
pequena formiga
que levava na boca
toda a floresta
para o formigueiro!

o resto de tudo

Restou de toda a noite
apenas este resto de poeira
No entanto,
reluz ainda com a luz
de uma estrela lá no céu
esquecida de apagar
e ainda agora, brilhando
aqui... acesa inteira.

outros tankas

Sozinho ele só pia
seu sofrer de ser só
lá no brejo, sozinho de só
pia triste um socó.
E ele pia e re-pia
E ele acha que o pio
já é quase um cantar.

A saudade que tenho,
dizia a araponga
enquanto piava,
não é do que eu sou.
A saudade que eu trago
viajando comigo
é de lá de onde eu venho.
é de lá pra onde eu vou.

E enquanto ele pia
ele pia pensando
de-va-ga-ri-nho
no seu repensar:
porque pia tanto
e sozinho, e feliz
quando pia cantando
um sabiá?

o rio e eu

De dentro do rio
viajando em vapor
tudo é móvel e passa.
Tudo, menos o rio.

De pé
na amurada
de um navio
vejo que tudo o que há
se move e passa
por onde eu passo
rio abaixo
de pé na amurada do navio.
Tudo o que vejo se move
menos eu, o barco
e este rio.

Pensar. Pensar?

Não sei o que penso
quando aquilo que eu penso
é o que dizem a mim
que eu preciso pensar.

Mas eu penso o que penso
e sei bem o que eu penso
quando eu sinto que penso
sem eu ter que pensar...

uma tarde muito quente

O sussurro do arroio
o batuque da chuva
o violino do vento
o nadar-surubim.
O falar do começo
o murmúrio do meio
o silêncio do fim.

O segredo do sapo
(quando fora do brejo)
o sentir do sentente
(quando fora do tempo).
O acorde e o arpejo
(como é? como foi?)
o sentir da semente
quando vira capim?

Sem relógio sem hora
sem ruído nenhum
o lavrar da formiga
e o cavar do cupim.
O mugido bem longe
de uma vaca, de um boi
quando é nem... nem agora!
e o zumbido, o zunzum
de um punhado de abelhas
e outros bichos que há
entre o mato e lá fora.
em Pirapora

A orquestra afinada
do verão das cigarras
quando o dia é tão quente
que até a noite se aquece
no fogão das estrelas.
E até a sombra se abana
e a chuva se esquece
de chover quando é hora
e até a água do rio
devagar, de repente
tem saudade da água
em que a vida se molha
em que a tarde se afoga
quando o rio São Francisco
vem molhar Pirapora...

Jeitos de andar

Saracura
anda de bando.
Arara de bando grande.
Papagaio ainda maior.
Seriema
Anda de par.
Suçuarana
anda só,
assim como
o urutau.
Assim como
o Chororó.

Distâncias

Clico a tela
e viajo à China
enquanto a formiga
viaja longe
dentro de uma folha.

Passarinhada

O que o sanhaço
sonhava
o sabiá já sabia.
E o bem-te-vi
vigiava
o que o curió
conhecia.
A saracura
soletrava
o que o noitibó
aprendia.
E o fogo-apagou
apagava
o que a coruja
escrevia.

O chegante de longe

Vindo eu pela noite
como o vento
trago na trouxa da sacola
o resto do sopro de meu corpo
e o lado direito da minha alma.
Trago o segredo da semente
onde a vida se acha e se semeia
e floresce como a flor
antes da flor.

O sonho de ontem

Sonhei que eu era ontem
e não havia em mim
lugar algum que fosse eu.
Trouxe nas mãos
que me emprestaram
o que sobrou de um ontem
que nem houve.
Não sei o que se sonha
quando acorda
E, assim, nada esqueci
do que não sei.
E não sei se chamo sentimento
isso que sinto e agora
e, como eu,
vem de longe
e passa com o vento.

O tempo do nada

Foi-se o tempo
em que o tempo não havia!
E não havendo o tempo
o que existia
era o não-haver do tempo
antes do tempo,
como taça de chá
sem o chá dentro.
Tudo era então nada
e o puro nada
era então tudo o que havia.
E o nada o que era então?
E o que é o nada
no tempo em que o tempo
não corria?
O que era o nada, diga
se não havia nada
e nem o nada do nada
ainda existia?
Seria tudo então
como um alguém
que de tudo
nada não sabia,
e mesmo esse nada...
ele esquecia?

O segredo do sapo

O segredo do sapo
(quando fora do brejo)
o sentir do sentente
(quando fora do tempo).
O acorde e o arpejo
(como é? como foi?)
O mugido bem longe
de uma vaca, de um boi.
O sentir da semente
quando vira capim?

Sem ruído nenhum

Sem relógio sem hora
sem ruído nenhum
o lavar da formiga
e o cavar do cupim
quando é nunca e agora!
e o zumbido, o zunzum
de um punhado de abelhas
e outros bichos que há
entre lago e lagoa
entre o mato e lá fora.

o último

A orquestra afinada
do verão das cigarras
quando o sol chega perto,
quando o dia é tão quente
que até a noite se aquece
no fogão das estrelas.

E a sombra se abana
e até a chuva se esquece
de chover quando é hora.

Quando a água do rio
(devagar, de repente)
tem saudade da água
em que a vida se molha
em que a tarde se afoga
quando o rio São Francisco
vem das Minas de cima
pra banhar Pirapora...

Outro sonho ainda

Sonhei que eu era ontem
e me sonhando
eu sonhei ontem
o que hoje eu fui.
Me sonhei antes de ser
e fui meu sonho.
E agora, acordado
eu já não sei,
depois de haver dormido
e haver sonhado,
se eu sou quem me sonha
ou se eu sou quem eu sonhei.

**OUTROS POEMAS
PARA
LIVROS DE JOVENS**

um

Assim eles foram
os que vieram
vindos de onde?
Assim se foram
os que se foram.
Saíram cedo,
levavam nada
e silenciosos
de tal maneira
que havendo ido
parece que nunca
havam partido.

dois

De tanto pensar
e se pensar pensando,
de tanto ser pensado
um pensamento
esqueceu uma manhã
todas as palavras que sabia.
E então, entre feliz e assustado
Ele se pensou em elas
e ao se pensar sem nada
descobriu que o pensar
é como uma casa grande
sem parede, sem teto e sem telhado
uma casa de portas só abertas
e de vento, de caminhos e janelas.

três

sonhei que quando
alguém sonhava
era eu quem sonhava
no seu sonho
como alguém
desconhecido
e já amigo.

E quando sonho
o sonho que eu sonho
sonho que lá dentro
do meu sonho havia
alguém que no seu sono
dorme e sonha no sono sonha...
sonha comigo.

quatro

Eu só me ouço
quando te escuto.
Eu só me vejo
se te contemplo
amigo, amigo.

Eu só me sei
quando te sei
e só entrevejo
o ser que eu sou
quando me dizes,
quando me falas
o que de mim sabes
e eu não sei.

Eu não me penso
quando me penso,
e só me penso
quando me pensas.
Quando eu te penso
para sabermos
quem somos nós.

Tu só te ouves
se te contemplo
e se te contemplo
é quando te vês.

Tu só te sabes
quando de mim sabes
o que aprendes,
e só compreendes
o ser que és
quando eu te digo
o que te sei.

E assim sendo, nós
só nos sabemos
nos vemos
no olhar do outro,
quando escutamos
do outro a voz.

cinco

Espanto.
No fim do inverno
a folha seca
é só o que vive.

um sapo e o outro

Saberia o sapo
Entre a saporada
Da beira do lago
Em noite de lua
O sapo vestido
De pele e mais nada,
Que a pouco nadava
E agora se seca
Da pele molhada?
Saberia o sapo
Ou finge que não sabe
Que pulando n'água
Ele vira sapo-na-água
Enquanto nadava?
E agora, seco
Vira sapo-na-terra?

Outro sapo sabendo

Saberia o sapo
Que a pele secava
Que sendo ele mesmo
Vira um outro sapo?

Pois um pula e salta
Na beira da estrada,
E o outro é sapo
Que enquanto mergulha
É o sapo que afunda... e nada?

Agora e o que?

Era, quando foi
Antes de agora
Um tempo que houve,
Passou... e foi embora.

Quando o silêncio canta

Repousando o ouvido
No chão do silêncio
Em silêncio escuto
O cantar do silêncio.

E o que silencia.
E o que eu silencio
É o dizer do nada
Que o silêncio ouvia.

Só a fala afoga
O cantar do silêncio
E quando nada se ouve
(ou se ouve o nada)
Se escuta toada
Que o silêncio canta.
Que em silêncio, cria.

Koala, Coala

A folha do eucalipto...
Quando achá-la
Pense
Que dela é que vive
Uma Koala.

No alto, no chão

Belas no galho
As flores rosa
Que do alto
O sol clareia.
Mas quem para
Na estrada
E atento olha
O tapete de folhas
Caídas da paineira?

Compras na floresta

Maritaca foi à feira
comprar milho e marmelada,
farinha de trigo e feijão.
Encontrou Ema na estrada
e mais a Arara Vermelha
e esqueceu da obrigação.
Pegaram uma prosa longa
que se escutava de uma
a outra ponta do sertão.

O fim-do-mundo?

Miudinha,
aquela estrelinha
que quase não brilha
com uma luz de nada
dizia pra outras:
“Tudo é tão um
e o mundo é tão nós,
que se eu me apagar
o mundo se acaba”.

Um pirilampo

O pio do pirilampo
é o seu brilho.
É a luz
de sua mínima lareira,
que ele acende
quando canta
e em silêncio
clareia a escuridão
da noite inteira.

Do tamanho do mundo

Caminhei
pisando folhas secas
pelos caminhos do mundo.

Caminhei
esquecido de saber
que cada folha
é um mundo.

Eu-barro

De tudo o que há
eu queria ser barro,
pois o barro molhado
pode ser qualquer coisa
fazendo de um outro
um corpo que é seu.

E assim eu, barro
posso ser tudo
e qualquer coisa do mundo
pode ser... eu.

Lembrar, esquecer

Quando não era dia
e nem a noite,
era essa hora
nem de noite
e nem de dia
em que a vida
só lembra
o que ela esquece
e só gosta de aprender
o que sabia.

e... ponto

o que aponta o ponto
eu não te conto,
porque não sei, não sabia
e nem lembrei!
E pronto!
Aqui se acaba
o que nem sei
porque escrevi.
E, acabando, encerro
e... ponto!

No alto do galho

No alto do galho
lá do alto
do mais alto galho
da Mangueira
a Garça, a Gaiivota
e o Papagaio
conversavam
uma manhã e meia, inteira
sobre tudo e coisa alguma.
E o gaiato dessa cena
tão gozada
era que tudo o que
dizia a Garça
a gaiivota soletrava
com as palavras ao contrário
e de novo o Papagaio
repetia uma a uma

na mata, sozinho

Sozinho na mata
na noite sem lua
no escuro da noite
o índio menino
espia uma estrela,
e pra ela caminha
e caminha sem medo
e caminha “na sua”,
como quem pela selva
sabe bem o caminho,
pois ele sabe que a estrela
lá do céu é o seu rumo.
E andando ele pensa,
e ele pensa surpreso:
“ah, estrela do céu
tão longe daqui,
mas a minha aldeia
na Terra... é ali!”

poemas de 3 linhas, e mais

Pia o pirilampo
e a selva
toda silencia.

Taciturno e tristonho
o infinito se lamenta
e ele pensa assim:
“ah! como é triste
não ter começo...
e não ter fim!”

Quando é o quê?
E onde afinal?
E, mais: por que?
E de quem ele é?
(se é mesmo de alguém!)

Ele é seu? ele é meu?
Ou sendo somente
o que o nada esqueceu
ele é de ninguém?

Esqueci
o que ontem
eu vivi.
E amanhã, talvez,
será que vou
esquecer de novo
o que eu vivo, agora,
outra vez?

Saindo de tarde
do escuro da toca
a toupeira topa
com o claro do dia.

Saindo do toco
e do oco do ninho
a arara se toca
e espia... e espia.
E do alto do galho
(coisa rara em arara)
ela silencia.

Verde é o mar
quando é verde.
Venha ver de verdade
e de verde vestido
como o mar é verde
tal como você
no meio da tarde
vestido de verde.

Uma onda e outra onda,
e outra onda... ainda.
Ou é a mesma onda?
Uma onda sem fim
chegando outra vez
e outra vez e mais outra
na areia da praia
de um mar infinito.

Com as duas mãos
uma na outra
e a outra em uma
em bato palmas.

O que eu ouço
quando bato palmas
com uma mão só,
ou com nenhuma?

Eu mal não sei
o que eu digo
quando eu falo.
Mas eu bem sei
(e vai comigo)
o que eu digo
quando eu calo.

Por que? Por que?
Sente o laranja
a quase inveja
do ouro do amarelo
de uma flor de Ipê?

Chuva de ouro

Amarrei amarelinha
uma florada amarela.
Botei num vaso de barro
e pendurei na janela.
Veio a chuva miudinha
choveu toda a madrugada
e molhou meu ramallete
Choveu chuva noite e meia
e com o vento que veio
(um vento de longe e frio)
choveu ouro na calçada
e em quem passava nela.
Choveu ouro a noite inteira,
e cobriu-se o mundo de flores
Mas quem veio? Mas quem viu?

A rara ave

Rara arara
Arara rara
Vem de longe
E o voo para
E assenta a asa
Na galhada
Da amoreira
Lá na beira
Da poeira
De uma estrada
Arara rara
Rara arara
Sua asa, arara
(coisa rara)
Faz uma sombra
Amarela, cor de fada
Na aguada
Do rio manso
Onde nada
Sozinha.
A piapara.

